

PMS	FMU	BIBLIOTECA
Jornal		
Diário da Bahia		
Data		
19/02/06		
Caderno		
Pág. Salvador 14		
Seção		
Assunto		
mercado/Feira		
Feira de São Joaquim		

Exposição de fotos atrai turistas à Feira de São Joaquim

Mostra 'Lá e Cá', de Sérgio Guerra, continua levando visitantes e autoridades ao local

Fernanda Carvalho

Lá e cá. É o título da exposição que o fotógrafo pernambucano Sérgio Guerra montou na maior feira popular de Salvador. Distribuídos entre a infinidade de boxes, dispersos no vaivém dos 7500 comerciantes e 40 compradores que circulam por dia na Feira de São Joaquim, 440 painéis de fotos disputam a atenção com a imensa variedade de produtos. A identidade visual e cultural entre Brasil e Angola tem atraído um número ainda maior de visitantes à Feira de São Joaquim. Depois do governador Paulo Souto ter percorrido esta semana os becos e vielas para conhecer a mostra, a expectativa ontem era a passagem do ministro da Cultura Gilberto Gil.

Cá, a visita agendada e esperada para às 11 da manhã acabou não ocorrendo. De lá, de Brasília, alegando problemas de agenda e compromissos reservados com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ministro mandou representante. No lugar dele, veio o secretário-executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira. Após desembarcar na Bahia para férias de dez dias, vestido de branco, Juca Ferreira visitou a mostra, andou entre os feirantes e prometeu apoio do Ministério da Cultura para a proposta de tombamento da Feira de São Joaquim.

"Esta feira é um patrimônio cultural da cidade. Deveria, portanto, ser muito mais bem tratada", avaliou Ferreira, garantindo ser de interesse do

Ministério da Cultura apoiar o desenvolvimento do processo de posse dos feirantes, o tombamento da feira junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e as intervenções de melhoria e urbanização do espaço. "Queremos contribuir com este processo", acrescentou, garantindo que a visita do ministro à Feira de São Joaquim foi apenas adiada. "Ele virá na próxima quarta-feira", garantiu.

Como - A pedido dos próprios feirantes - a mostra, que seria encerrada hoje, continua aberta à visitação pública até o dia 4 de março -, há tempo para o ministro Gilberto Gil cumprir a promessa. "Os feirantes gostaram demais da exposição. O movimento da clientela melhorou. Estamos tendo a oportunidade de vender nossos produtos a muitos turistas que, aos poucos, estão perdendo o medo de vir à feira", comentou João Prazeres, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade de Salvador (Sindfeira).

Em um mês de exibição, quase 8 mil pessoas, entre baianos e turistas, já visitaram a mostra e se encantaram com os registros fotográficos espalhados nos 324 mil metros quadrados de área aberta. No foco, cenas da cultura e do cotidiano de baianos e angolanos encantam e enchem de orgulho as pessoas simples de São Joaquim, que tiveram que se acostumar com o brilho dos holofotes. "Em vez da reação negativa que enfrentava cada vez que puxava a câmara, hoje, ao passar pela feira me depa-
 ra com muitos pedidos de



Juca Ferreira representou o ministro da Cultura, Gilberto Gil, na visita à mostra

peças querendo ser fotografadas", comenta Guerra, autor da mostra.

A expressividade latente em cada clique, fruto de um ano de produção fotográfica e incursões nos dois países, é de impressionar. Sem falar da semelhança dos personagens da vida real que habitam, na Bahia, a Feira de São Joaquim, com os angolanos do Mercado de São Paulo, em Luanda. Separadas pelo Atlântico e por mais de cinco séculos de história, os personagens, objetos e cultura dos dois países têm identidade tão próxima que a

proposital ausência de identificação das fotos confunde o que, de fato, foi registrado na Bahia com o que tem origem no continente africano. "A proposta é exatamente evidenciar que, tanto faz Angola ou Bahia, somos um povo só. A verdade é que essa dubiedade reforça a nossa unidade", explica Guerra.

"Não conheço Angola, mas agora sei que somos mesmo muito semelhantes", comenta a feirante negra Marivalda Magna, diante de um exuberante retrato de uma negra angolana vestida com indumen-

tária africana. À frente da administração do bar Prato Cheio, Marivalda reconhece o retorno que a mostra lhe tem proporcionado. "Além do movimento maior, esta exposição serve para divulgar nossos anseios, nossa luta por melhorias".

A mostra tem produzido um efeito que, talvez, só a longo prazo os feirantes de São Joaquim percebiam. Melhor do que o aumento da clientela é a possibilidade de fazer baianos e turistas olharem a feira, que é o principal ponto de abastecimento de ingredientes da co-

zinha típica baiana, de artesanato do interior do estado e de produtos ligados à religião afro, com outros olhos. Com olhar de admiração e respeito.

"Achei as fotos lindas porque registram bem a essência do nosso povo. Normalmente, as pessoas não reconhecem isso nas feiras. Costumam associar o ambiente à pobreza, miséria, mas há uma riqueza muito grande por trás deste universo de simplicidade", avalia encantada a paulistana Leticia Quessada, que há nove meses adotou Salvador como morada.

Geraldo Ataíde